



## A TRAJETÓRIA DE JEAN-MAURICE FAIVRE: A FUNDAÇÃO DA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA E DA COLÔNIA THEREZA CHRISTINA NO PERÍODO IMPERIAL (1829/1847)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3539

Alef Guilherme Zangari da Silva, UEM  
Ângelo Aparecido Priori, UEM,

### Resumo

O objetivo deste trabalho é compreender a biografia de Jean Maurice Faivre, responsável pela fundação da Academia Nacional de Medicina e da Colônia Thereza Cristina. A Academia Nacional de Medicina foi fundada na cidade do Rio de Janeiro em 1829, e tinha como objetivo contribuir para o estudo, a discussão e o desenvolvimento das práticas da medicina, cirurgia, saúde pública e ciências. Já a Colônia Thereza Christina, fundada em 1847, na Província do Paraná, foi uma experiência agrícola, que deu início ao primeiro processo de cooperativismo no Brasil. Na Colônia adotou-se um sistema anti-escravocrata em tempos que a escravidão era vista como algo normal. Este sistema tornou a produção agrícola mais exitosa do que regiões escravistas conhecidas, como Ponta Grossa, Castro e Guarapuava. Faivre esperava que esta colônia fosse exemplo para outros lugares da província. Nesse sentido, essa pesquisa, além de se basear em uma revisão bibliográfica sobre o tema, utilizará como fontes os Jornais “Dezenove de Dezembro” e o “Correio Oficial”, além de relatórios de governo preparado por Jean-Maurice Faivre encaminhado ao Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba, por meio dos quais expunha uma prestação de contas da situação da entidade e da colônia.

### Palavras Chave:

Jean Maurice Faivre;  
Academia Nacional de  
Medicina; Colônia  
Thereza Christina.

## Introdução/Justificativa

Jean-Maurice Faivre chega ao Rio de Janeiro em 1826, ano que conclui o curso de medicina em Paris, o Brasil passava por um dos períodos mais conturbados de sua história, tanto político quanto econômico e é nesse período que Faivre vem viver no Brasil.

Ao chegar ao Brasil, se depara com um país arcaico comparado a França em termos de saúde pública, ainda aqui, eram comuns práticas utilizadas por costumes de curandeiros. Com intuito de melhorar as condições de saúde pública no Brasil, o médico inicia um trabalho que visava o atendimento à população em geral, devido a sua qualidade profissional, logo passa atender a corte e a elite e, também passou a consultar aqueles que não tinham condições de pagar por uma consulta de forma gratuita.

Desde que chegou ao Brasil ele sempre foi cercado de eventos e pessoas que influíram decisivamente para rumos do país, passando a ser amigo de José Bonifácio de Andrade e Silva e a Imperatriz Thereza Christina<sup>1</sup>. (FERNANDES, 1996)

O Dr. Faivre juntamente com alguns outros colegas achavam que o exercício da medicina no Brasil após sua independência necessitaria da presença de um órgão institucional para que pudessem trocar informações através de pesquisas realizadas pelos colegas de profissão para contribuir no avanço da medicina e da ciência, pois também precisavam auxiliar

as autoridades governamentais sobre higiene e saúde pública.

Segundo Fernandes (1996), devido à precariedade que era a saúde pública no Brasil, Faivre, De-Simoni, Meirilles, Sigaud e Jobim, esses cinco médicos decidem criar a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, a primeira reunião para levar adiante o ambicioso projeto ocorreu no dia 28 de maio de 1829 na casa do senhor Dr. Sigaud<sup>2</sup>, outras seis reuniões foram feitas até a criação oficialmente da entidade. Como cita a sociedade de medicina do Rio de Janeiro em 03, de janeiro de 1831.

Aos 28 dias do mês de Maio do ano de Nosso Senhor, 1829. Cidade do Rio de Janeiro, na casa do Sr. Dr. José Francisco Sigaud, sita a rua do Rosario n 185, acharam-se presentes, e reunidos, as 7 horas da noite, os Srs Drs. José Francisco Sigaud – Joaquim Candido Soares de Meirelles – João Mauricio Faivre – José Martins da Cruz Jobim – e Luiz Vicente de Simoni, redigente a presente act.(...) todos de comum acordo resolverão de empregar suas luzes e esforços para efetuar n' esta muito leal e heroica Cidade do Rio de Janeiro, a instituição de huma Sociedade de Medicina, destinada a promover a illustração, progresso e propagação das Ciências Medicas, a socorrer grátis com seus conhecimentos e conselhos os pobres nas suas enfermidades, e a beneficiar geralmente a humanidade, favorecendo e velando a conservação e melhorando da Saude Publica.(...)

<sup>1</sup> Amizade de Faivre com a Imperatriz se fortalece após ele ter salvado o filho dela em pleno trabalho de parto, uma cirurgia de risco para época. D. Pedro II e Thereza Cristina ficaram extremamente grato ao Dr. Faivre, motivo em que explica a liberdade que ele teve para construir uma colônia em que se diferenciava das demais, pois se tratava de um período que o Imperador ainda lutava para amalgamar o território, ou seja, qualquer colônia com perfil diferente era tida como ameaça à corte, pois uma colônia tão heterogênea poderia ocasionar revoltas contra o Império e, servindo de

exemplo para demais colônias daquele período, como não bastasse, ocorria a Independência da América Espanhola, enquanto Brasil seguia um sistema monárquico após sua independência em 1822. Mesmo ciente de todos estes fatores D. Pedro II, financia este projeto em que Dr. Faivre homenageia sua colônia com o nome da Imperatriz Thereza Cristina.

<sup>2</sup> A primeira ata escrita por esses cinco médicos e assinada por eles se encontra em perfeito estado de leitura nos arquivos da entidade.

(RIO DE JANEIRO, 1831).

O número de participantes aumentava no decorrer de cada reunião, e com isso se tornava nítida a importância dessa instituição a população, pois se tratava de assuntos em que discutiam questões de saúde pública, desenvolvimento das práticas da medicina, cirurgia e ciências.

Em 1835 após seis anos da criação da entidade foi decretado a última reunião como entidade que contou com a presença do D. Pedro II junto com seu Regente Francisco de Lima e Silva, já que o imperador tinha apenas nove anos de idade. A partir de 1835 passou a ser decretada como Academia Imperial de Medicina, desde as primeiras reuniões até em 1845 Faivre se encontrava sempre presente nas reuniões, após a criação da colônia ele se desliga da Academia. (FERNANDES, 1996).

O presidente da província de Goiás no ano de 1839 encaminhou ao ministério do Império um relatório explicando que o médico Vicente Moretti Foggia relata que as águas termais de Caldas Novas e Caldas Velhas, tem o valor curativo para o tratamento de leprosos. Autoridades desta província sugeriram que o governo Imperial destacasse alguém do ramo para constatar a veracidade sobre a teoria de Foggia. (FERNANDES, 2006).

Faivre decide estudar o caso de perto e se muda pra Goiás, para examinar as mencionadas águas termais de Caldas Novas<sup>3</sup> e também passa a cuidar dos doentes com hanseníase<sup>4</sup>, essa região passou a receber centenas de pessoas doentes com a esperança de se tratarem.

Passa então a descrever relatórios informando o Império a geografia e a história do lugar, também analisa os componentes químicos das águas e consultando as pessoas doentes.

Faivre passou atender um grande número de pessoas com hanseníase, algumas estavam em fase inicial da doença e outras em um grau avançado. Naquele período não existia nem um estudo realizado sobre essa doença, ele passa a ser um dos pioneiros a estudar esse tipo de bactéria. (FERNANDES, 1996).

Faivre, espírito lúcido e humanitário, ainda quando a hanseníase era verdadeiro tabu, infundindo medo em leigos e em cientistas, desafiou o pensamento dominante, internando-se por longos meses em local remoto, vivendo-lhe o dia-a-dia dos leprosos, auscultando-lhe os sintomas e as evoluções da doença, ouvindo-lhe as queixas, ministrando-lhe cuidados médicos, abrindo os corpos dos que faleciam, na busca interminável das razões e das origens da moléstia. (FERNANDES, 1996, p. 103).

Passados dois anos de pesquisas em Goiás, Faivre conclui que as águas não têm o poder de cura, porém podem aliviar as dores dos doentes por causa da alta temperatura. Faivre foi o primeiro doutor a estudar sobre a cura da Lepra no Brasil. (BRASIL, 1846, p.46- 47).

O Dr. De-Simoni, relata das “memórias”, ao encerrar as apreciações, consignou que “qualquer porém que seja o resultado de ulteriores pesquisas, sempre o Sr. Faivre será benemérito

<sup>3</sup> Era um lugar reconhecido pela fama curativa das águas, em que pessoas de várias Províncias vinham com objetivo de buscar o tratamento de dores reumáticas, através das águas termais. O jornal Correio Oficial de 1920 mostra que os pesquisadores ainda usavam os relatórios do Dr. Faivre sobre as águas termais de Caldas Novas. “Por ordem do governo imperial foram pela primeira vez estudadas essas aguas pelos chimicos

dr. Jean Maurice Faivre e Vicente Moritti Foggia, que escreveram interessante relatório sobre as suas qualidades therapeuticaa”.(GOYAZ, S/P. 1920).

<sup>4</sup> Doença popularmente conhecida como Lepra, que causa danos severos a nervos e a pele. Atualmente este termo está em desuso devido a sua conotação negativa.

da ciência, pelo zelo e atividade que desenvolveu nos seus trabalhos, dirigidos a ilustrar um abjeto de tanta importância, e envolto até agora em tão grande mistério”. E H.C. de Souza-Araújo, em sua “História da Leprosia no Brasil”, confirma que o trabalho do Dr. Faivre “fez um grande bem ao nosso país, pois despertou na Academia de Medicina, e fora dela, grande interesse pelo já então angustioso problema da endemia leprosa entre nós”. (FERNANDES,1996, p.98-99).

Após Faivre trabalhar no Rio de Janeiro como médico da corte e em Goiás atendendo os leprosos, após atender estas duas regiões brasileiras e ver o quanto a população sofria com a falta de auxílio público. Poucos, se não raros, tiveram a história deste colonizador, o Império já estaria grato aos seus feitos, porém seu principal feito ainda estava por vir. A Colônia Thereza Christina foi seu maior legado.

Nessa parte do trabalho irei discutir um dos fios condutores dessa pesquisa a Colônia Thereza Christina, e anteriormente explicarei sobre a história do cooperativismo.

O marco inicial do cooperativismo<sup>5</sup> se dá em 21 de março de 1844 na Inglaterra<sup>6</sup>, na cidade de Rochdale, composto por 28 tecelões que naquele momento procuravam alguma alternativa econômica para atuarem no mercado, já que o capitalismo estava reduzindo a riqueza nas mãos de poucos

<sup>5</sup> Cooperativismo é a união de diversos trabalhadores que por iniciativa própria visando um objetivo em comum, decidem trabalhar juntos, através da ajuda mútua.

<sup>6</sup> O cooperativismo deu-se início com as mudanças provocadas pelas Revoluções Industriais, as organizações cooperativistas tinham os princípios embasados em valores éticos como honestidade, responsabilidade e igualdade.

<sup>7</sup> Período que ficou marcado como o primeiro registro oficial de cooperativismo no mundo. Porém no século XVIII também se encontra

investidores. A criação desse sistema visava à igualdade entre todos, e se iniciou devido à dificuldade financeira de adquirir produtos de primeira necessidade<sup>7</sup>. (VEIGA e FONSECA. 2001).

A colônia Thereza Christina fundou o primeiro processo de cooperativismo no Brasil em 1847, visto que seu sistema era voltado para agricultura e não para o processo industrial como na Inglaterra. Sob o mesmo ponto de vista, os dois sistemas possuíam suas regras, porém segundo Fernandes (2006), a essência da colônia agrícola é baseada no sistema de cooperativismo de Robert Owen, o socialismo utópico que defendia o fim da propriedade privada, e a criação de uma sociedade comunista, em que se atentasse aos serviços de educação, saúde e assistência social seriam organizados de forma voluntária.

O fundador da colônia Thereza Christina foi quem proporcionou as regras da colônia, nela todos trabalhavam sem exceção. Todas as famílias eram responsáveis pela produção de alimentos que no mínimo dessem para sua subsistência, tudo que era colhido na colônia era armazenado, cada indivíduo retirava os grãos que achavam necessário para sua alimentação. Visto que o suspeito que consumia mais que produzia era expulso da colônia. (FAIVRE, 1858).

Thereza Christina passou a receber muitos emigrantes nacionais, pois os franceses<sup>8</sup> infelizmente não se acostumaram tão bem com a vida no campo como os italianos e alemães que

atividades de cooperativismo nos estaleiros de Woolwich e Chatham em 1760 e Robert Owen no final do século XVIII em sua fábrica. Entretanto é em Rochdale que é considerado o marco zero do cooperativismo. (FONSECA,2001).

<sup>8</sup> No natal do ano de 1846, na cidade Antuérpia, Faivre e seus companheiros embarcam ao navio rumo a Paranaguá, em um total de 63 colonos, entre eles médicos, professores, costureiras, jornalista entre outros, ou seja, poucos tinham contato com a terra.

chegaram ao Brasil.

O serviço era algo rotineiro e sempre havia algo para ser feito na colônia e, os franceses não eram acostumados com esse estilo de vida rural, temos que salientar que muitos vieram de Paris ou de cidades próxima a ela, o que dificultou para eles se acostumarem com vida no campo, diante disto muitos vão se embora para Ponta Grossa e Guarapuava.

Os franceses estavam acostumados com agito dos grandes centros, com a arte e até mesmo com a boemia, pois se tratavam de pessoas urbanas que não estavam acostumados com o ardo serviço rural.

Apesar de todas as dificuldades que os franceses encontraram com agricultura, mesmo assim, a Colônia Thereza Christina passou aprimorar as técnicas agrícolas, através de um sistema cooperativista e uma agricultura modernizada e uma política anti-escravocrata, faz dela entre os anos de 1850 a 1870 uma exportadora de produtos alimentícios para regiões da província paranaense. (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1870).

A Lei Eusébio de Queiroz, pôs fim ao tráfico negreiro e, a situação dos fazendeiros de café de São Paulo se complicou, uma vez que a lei proibia a entrada de escravos africanos no país, o que acentuou a escassez de mão-de-obra no país, tal situação levou os fazendeiros paulistas passaram a comprar escravos de outras regiões, sobretudo das vizinhas províncias de Minas Gerais e do Paraná (WACHOWICZ, 1988).

Os escravos do Paraná estavam envolvidos com atividades agrícolas, então com a venda deles para os fazendeiros paulistas, a produção de alimentos começou a diminuir e a afetar o abastecimento. O resultado prático desse contexto foi um aumento do custo de vida

para a população paranaense, pois os produtos alimentícios chegaram a subir 200% em 1852 (WACHOWICZ, 1988).

Em contraste com todo Império a colônia Thereza Christina não se encontrava em crise com produtos alimentícios, pois tinha um sistema anti-escravista isso quase a meio século da Lei Áurea fator que contribui para que não houvesse crise no setor agrícola da colônia, pois nela existia um sistema de cooperativismo e todos trabalhavam sem exceção.

(...) foi hontem somente que eu tive conhecimento da circular do Governador da Província enviado por V.S ao Diretor desta Colônia, perguntando quais as causas da elevação dos preços dos gêneros alimentícios(...). A carestia hem geral nos grandes como nos pequenos mercado aqui estes gêneros não tem faltado, todos comem. (...). (FAIVRE, S/P 1857).<sup>9</sup>

Faivre explica ao Presidente da comarca municipal de Guarapuava que o Presidente da Província gostaria de saber sobre as faltas de produtos alimentícios em toda a colônia, porém Faivre explica que a crise ainda é desconhecida em sua colônia, pois nela todas as famílias estão consumindo normalmente os alimentos.

Tal crise, não afeta em nada sua produção, pelo contrário, ainda tiveram que fornecer produtos alimentícios nas regiões de Guarapuava e Castro entre 1850 a 1870 como mostra em uma reportagem do jornal Dezenove de Dezembro.

Na colônia Thereza; o terreno das margens do rio Ivahy produz trigo, café, centeio, canna de assucar, algodão e o arroz de que se abastece em grande quantidade Guarapuava e a comarca de Castro. (DEZENOVE DE DEZEMBRO,

<sup>9</sup> Arquivo Público do Paraná Ap54. Vol2. p.5 1857.

p.2. 1870).

Algumas reportagens mostradas na época no jornal Dezenove de Dezembro que mostra a importância da Colônia Thereza Christina no processo da agricultura da região e retrata o quanto não passava por crise no setor agrícola.

Faivre não consegue explicar ao presidente da província a falta de alimentos nos mercados, pois foi uma época em que todos se perguntavam o porquê da crise. Thereza Christina é uma forma clara da teoria de Sergio Buarque de Holanda (1980), a falta de produtos alimentícios no mercado foi gerada pela falta de mão-de-obra escrava, como Thereza Christina era antiescravista não presenciou tal crise.

Como podemos ver a colônia Thereza Christina era avançadíssima para sua época, além da utilização da mão-de-obra livre contavam também com arado mecânico no processo da agricultura, apenas Thereza Christina e Curitiba contavam com tal modernização<sup>10</sup>.

(...) o executivo, após ouvi-lo, incumbiu-o da aquisição de diversos desses instrumentos agrícolas, na Corte. Ao volver, trazia consigo os dois primeiros, que foram empregados com excelente resultado em nossas culturas. Um deles foram levados ao Ivaí e ao outro, coube a tarefa mui edificante da lavratura da primeira gleba que se lhe adequou, nos risinhos campos curitibanos. E Faivre foi assim, o precursor de mais essa grandiloquente obra em nosso meio. (ALMEIDA, p.211. 1934).

Thereza Christina não apenas contava com a matéria bruta dos alimentos, mas também tinha a sutileza de refinar seus alimentos. Pelo fato, de ser colonizado por franceses à agricultura parecia ser o maior problema da colônia,

pois bem, em pouco tempo todos passam a dominarem as técnicas agrícolas.

Em 1858, existiam quarenta e três famílias na colônia Thereza, composta de duzentos e quarenta e quatro pessoas. (...) nove engenhos de cana, quatro alambiques, uma “fábrica de licores”, uma “fabrica de fumo”, olaria, forno de cal, moinho de atafona, máquina hidráulica de serras madeira, estando em vias de instalação uma outra, a vapor(...) (FERNANDES, p.221. 1996).

Todos os fatores citados mostram o quando a colônia Thereza Christina se diferenciava das demais colônias espalhadas por todo território nacional. Mesmo com todas essas características única na história do Brasil, não é lembrando nem mesmo pela população local.

Segundo Fernandes (1996), a história da colônia Thereza Christina, nunca foi lembrada com o devido merecimento pelos pósteros. Quando se fala em uma colônia ante escravocrata fundada no ano de 1847 no Brasil, não se poderia ignorar, da forma que acontece. Toda colaboração que Thereza Christina deixou para o Brasil, a história não lhe fez, até os dias de hoje, a necessária justiça.

Para Carneiro (1986), um dos primeiros médicos do Paraná foi o fundador da Colônia Thereza, ele ressalta em elevado grau a dívida deste Estado com o médico Faivre que faleceu em sua própria colônia e que teve seus ossos perdidos em meio desses sertões que o tanto contribui para colonizar. De acordo com Leônidas Boutin (S/D), a Colônia Thereza sobreviveu até os dias de hoje para rememorar o homem bom e humanitário que foi o Faivre, e afirma que ainda Thereza lá está no mapa, a desafiar o tempo, para sua história ser contada a

<sup>10</sup> Segundo a Revista Siniátrica (1940) diz que Faivre foi o primeiro a aconselhar o governo

paranaense na utilização de arado mecânico, o que faz a Colônia Thereza Christina ser a pioneira na mecanização dos solos nos sertões do Ivaí.

todos<sup>11</sup>.

Estudar a história da Colônia Thereza Christina entre 1847 e 1858 é de grande importância, pois foi nesse momento que surgiu o primeiro processo de cooperativismo na história do Brasil e também anti-escravocrata em uma época em que o Império tinha como objetivo amalgamar o território brasileiro para que não se desfragmentassem iguais os países da América Latina no início do século XIX, já que D. Pedro II não aceitaria quaisquer tipo de revolta em seu território, dessa forma a corte repudiavam todo e qualquer contraste entre as colônias, visto que tinha o dever de segurar suas fronteiras. Sua criação foi inovadora, deste modo foi implantado um novo modelo de colonização para época, seu diretor era nada mais menos do que Jean-Maurice Faivre um dos fundadores da Academia Imperial de Medicina e também um dos primeiros médicos da Província do Paraná.

Elogiador por D. Pedro II e pela Imperatriz Thereza Christina; referendado como varão digno por todos os Presidentes da Província do Paraná; citado, com louvor, por Saint-Hilaire, Ave-Lallement, Visconde de Tauany; comparado a outros grandes utopistas franceses que sonharam instalar o paraíso no Brasil (Villegaignon, com a França Antártica; La Touche, pai da “France Équinoxiale”; Dr. Benoite Jules Mure, com o fourierismo no Saí, em Santa Catarina; Charles Perret-Gentil, organizador da Colônia do Superagui, no Paraná), - Faivre precisa ser melhor estudado e melhor compreendido no âmbito da História do Paraná. (FERNANDES, p.11. 2006).

A verdadeira importância desse trabalho é resgatar a história da Colônia

Thereza Christina e fazer uma breve abordagem de Faivre o fundador da Colônia Thereza em que sempre será a pioneira precursora do sistema econômico que faz das cooperativas a base de todas as atividades de produção e distribuição de riqueza.

## Objetivo Geral

Analisar a trajetória de Jean-Maurice Faivre pelo Brasil Imperial entre os anos de 1826 e 1858, a partir dos Relatórios de Governo produzido pelo mesmo e encaminhados à Assembleia provincial.

## Objetivos Específicos

- Analisar como se deu a fundação da Academia Nacional de Medicina no ano de 1829.
- Verificar importância de Jean-Maurice Faivre em diversos espaços regionais brasileiro como, Rio de Janeiro, Goiás e Paraná.
- Mostrar o salto qualitativo inerente ao desenvolvimento da Colônia Thereza Christina em 1847, com práticas voltada ao cooperativismo e anti-escravismo que foram relevantes para suprir a falta de produtos alimentícios na província do Paraná.

## Resultados

A partir das análises bibliográficas, documentais e busca em arquivo histórico do Paraná, pode-se dizer que a Colônia Thereza Christina possui características singulares em relação as outras colônias da época. Com essas análises descobriu-se que há 41 anos antes da princesa Isabel assinar a lei Áurea que aboliu a escravidão no Brasil, a Colônia Thereza Christina já era abolicionista neste

<sup>11</sup> “Colônia Thereza Christina”, “historiadores do Paraná”. Inst. Hist, Geogr e Etnográfico do Paraná, v.14 pp47/64. S/D.

período de 1847, além do mais, foi pioneira em praticar o processo de cooperativismo no Brasil.

Com a criação desta colônia foi implantada um novo modelo de colonização na época, mesmo com a autenticidade destes elementos novos deste modelo, todas essas características únicas na história do Brasil, não são lembradas nem mesmo pela população local. A razão desta ausência da memória local pode ser justificada pela falta de estudos científicos sobre o tema, ou seja, o grande resultado desta pesquisa nesse sentido, é entender esse período da história paranaense, principalmente, da Colônia Thereza Christina.

### Considerações Finais

Portanto o artigo atingiu seu objetivo em demonstrar a fundação da Academia Nacional de Medicina e da Colônia Thereza Christina. Na Academia Nacional de Medicina Faivre foi o idealizador da Comissão de Atendimento Gratuito aos pobres<sup>12</sup>, já pela Colônia desenvolveu um sistema precursor das cooperativas é a base de todas as atividades de produção e distribuição de riqueza. Ou seja, a trajetória de 63 anos da vida de Jean-Maurice Faivre, expõe nos olhos, como algo emblemático daqueles que viveram o século XIX, quer dizer, a busca por alternativas civilizatórias para a sociedade que superassem as iniquidades do capitalismo.

### Fontes

BRASIL. **Anuario Político, Histórico e Estatístico do Brasil**. p. 46-47. 1846.

GOYAZ. **Reportagem do jornal Correio Oficial**. 13 de maio de 1920. S/P. Director-gerente – José Honorato da Silva e Souza. 1920.

PARANÁ. Relatório do Jean-Maurice Faivre apresentado ao presidente da comarca de Guarapuava em 1857, S/P.

PARANÁ. **Jornal Dezenove de Dezembro**. 07 de maio de 1870. Typ. de. C. M. Lopez, Curitiba. 1870.

RIO DE JANEIRO. **Semana de Saude Publica pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 03 de Janeiro de 1831. Typographia Imperial, 1831.

### Referências

ALMEIDA, Joaquim Antunes de. **Jean-Maurice Faivre – Síntese biográfica**. Ver. Do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. vol.169, p.211. 1934.

CARNEIRO, David – **Ainda o Dr. Faivre**. Gazeta do povo, 1952.

FERNANDES, Josué Corrêa. **“Saga da Esperança; socialismo utópico a beira do Ivaí”**, Curitiba. Imprensa Oficial do Paraná, 2006.

FERNANDES, Josué Corrêa. **Saga da Esperança: Trajetória de Jean-Maurice Faivre**. Ed. Planeta Ltda - Ponta Grossa, 1996.

FONSECA, Isaque; VEIGA, Sandra Mayrink. **Cooperativismo - uma revolução pacífica em ação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. pg. 19.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Prefácio. In: DAVATZ, Thomas. **Memórias de um colono no Brasil (1850)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980, p. 05-35.

WACHOWICZ, Ruy. **Imigração. História do Paraná**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1988.

VEIGA, Sandra Mayrink; FONSECA, Isaque. **Cooperativismo: uma revolução pacífica em ação**. Rio de Janeiro: DP&A / Fase, 2001.

<sup>12</sup> Registro encontrado no site oficial da Academia Nacional de Medicina.